



Organizadora

Luciana Pires

PSICANÁLISE

Françoise Dolto

Cultura, psicossomática e clínica

Blucher

FRANÇOISE DOLTO

Cultura, psicossomática e clínica

Organização

Luciana Pires

Françoise Dolto: cultura, psicossomática e clínica

© 2023 Luciana Pires

Editora Edgard Blucher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Maurício Katayama

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Bárbara Waida

Capa Leandro Cunha

Imagem de capa Cc *Françoise Dolto*, autor desconhecido, licenciada em CC BY-SA

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho
de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Françoise Dolto : cultura, psicossomática e
clínica / organizado por Luciana Pires. – São
Paulo : Blucher, 2023.

222 p.: il.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-374-5

1. Psicanálise 2. Dolto, Françoise – 1908-1988
I. Pires, Luciana.

22-5499

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	7
<i>Luciana Pires</i>	
Parte I. Cultura	13
O fruto da Dolto	15
<i>Vitoria Whately</i>	
Uma obra, a cultura e o tempo	23
<i>Miguel Vallim</i>	
A transmissão de Dolto à cultura: limites e alcance	45
<i>M. Cristina Kupfer</i>	
A ética das tarefas impossíveis e o devido tensionamento das “palavras verdadeiras”	61
<i>Luciana Pires</i>	

Parte II. Psicossomática	79
Dolto e adoecimentos do corpo: reflexões de uma pediatra geral	81
<i>Florência Fuks</i>	
Imagem inconsciente do corpo e psicossomática	91
<i>Wagner Ranña</i>	
Françoise Dolto e neurociências: entre o corpo desalmado e a mente desencorpada	105
<i>Miguel Junqueira Fausto</i>	
Parte III. Clínica	135
Comentário sobre o caso Claudine, de Dolto	137
<i>Carmen Molloy, Julia Pires Ferreira</i>	
O desenlace psicótico de Dominique e as castrações humanizantes	159
<i>Juliana Lopez Braga</i>	
A imagem inconsciente do corpo, a psicose e a clínica de Françoise Dolto no caso Dominique	177
<i>Christiane Carrijo</i>	
O caso Dominique e os pais na análise de crianças	199
<i>Cybelle Tastaldi Al Assal</i>	
Posfácio	217
<i>Daniela Teperman</i>	
Sobre os autores	219

O fruto da Dolto

Vitoria Whately

Um dia, em uma mesa de bar, contei para um francês, quase que pra puxar assunto, que por acaso eu estudava uma psicanalista francesa chamada Françoise Dolto. Esse francês, que devia ter cerca de 45 anos, não era psicanalista, ou médico, ou educador, ele trabalhava com mídias digitais, se não me engano, e me disse inclusive que nunca tinha feito análise. Mas, quando falei o nome da Dolto, seus olhos brilharam e ele prontamente me respondeu:

— Ah, é mesmo? Dolto? Claro que a conheço, ela é muito importante, muito famosa, inclusive eu mesmo sou fruto da “Dolto”, disse ele batendo no próprio peito.

Fruto da Dolto... Fiquei com isso na cabeça.

Pode soar esquisito que eu conte sobre um episódio tão informal do meu cotidiano para refletir sobre uma psicanalista, mas não é por acaso: o impacto de Dolto na transmissão e conhecimento da psicanálise na sociedade francesa se deu, em grande parte, fora do universo acadêmico. Se Lacan estava presente nas mais eruditas rodas de conversa, era Dolto que invadia os lares dos

mais populares. Seus meios totalmente heterodoxos para a época podem ter levado muitos de seus colegas da comunidade psicanalítica a torcerem o nariz para ela, mas seus mais de 2 milhões de cópias de livros vendidos desde sua morte em 1988 são apenas um dos sinais de que ela foi a principal responsável pela apropriação da psicanálise no dia a dia dos franceses.

Foi primeiramente através de livros que falavam diretamente com os pais, até mesmo no formato de perguntas e respostas e através de uma coluna própria na revista *Marie Claire* que ela transmitiu às massas. Mas a sua maior ousadia nesse sentido talvez tenha sido aquela que iniciou a partir de 1976, em um programa de rádio, no qual Dolto recebia cartas com as mais diferentes questões de adultos e crianças e respondia ao vivo para sua vasta plateia de ouvintes. Foi, portanto, através do uso de diferentes mídias e com uma linguagem acessível que Dolto levou a psicanálise para dentro dos lares franceses, fazendo com que ela ganhasse os ambientes informais e passasse a fazer parte do cotidiano das famílias e até mesmo das infames mesas de bar – e por que não?! Dentro dessa prática, Dolto se propôs a partilhar um conhecimento que antes estava exclusivamente reservado para alguns grupos, e tal feito cumpriu e defendeu com a mesma seriedade e ética que fazia dentro da sua clínica e para com seus pares.

É importante contextualizar que isso tudo ocorria em uma França pós-guerra, pós-maio de 68, em total transformação e que, até então, era majoritariamente rural, e tornara-se recentemente industrializada. Com tantas mudanças de paradigmas ocorrendo, havia uma geração recém-desconstruída e ávida por novos conhecimentos, cheia de dúvidas e com novas inseguranças sobre os mais diversos temas: desde a sexualidade infantil até educação, criação dos filhos, separação dos pais. Eram pessoas precisando de novos sentidos e direções. Mas, se havia uma massa ávida por conhecimento de um lado, havia igualmente do outro lado uma

psicanalista ávida em transmitir. E essa transmissão ao final se resumiria a “escute e fale com as crianças”.

Se for necessário eleger sua principal contribuição, talvez diríamos que é essa sua ênfase na criança como sujeito, que tem que ser escutado, que necessita ter seu mundo traduzido em palavras e em símbolos. Para Dolto, a criança é lúcida e precisa da escuta e explicação do mundo pelos adultos. Sua aposta na fala, na linguagem causou efeitos impressionantes. Ela inclusive chega a dizer que bebês a partir de 6 meses têm o direito de estar inclusos nas conversas importantes da família, como o divórcio.

Embora ela apoiasse sua teoria majoritariamente em sua clínica, traz também suas experiências como criança, como mãe, a observação de seus filhos e até mesmo o interesse em cenas de anônimos com muita importância. Há particularmente uma observação que ela narra no capítulo “Palavras e fantasmas”, do livro *No jogo do desejo*, do brincar de crianças em um trem, em que ela demonstra como as crianças estão atentas ao que se passa no mundo dos adultos. E, nesse sentido, também nos problematiza o quanto estão sujeitas a equívocos quando há ausência de uma linguagem e escuta adulta para mediar essa realidade. Trata-se de uma cena em uma vagão-leito que viajava pelos Alpes. O comissário do trem passa e anuncia:

— Não se apressem, estamos com 2 horas de atraso!

Decepção da pequena família. Riri e Jaja, ambos libertos de seus bonés e casacos de neve, passam a correr pelo corredor; o pai e a mãe fumam diante de seu compartimento e parecem ansiosos:

— Que vamos fazer? A essa hora, o ônibus terá ido embora e teremos que esperar pelo das 11 horas. Devíamos ter dito a padre Fulano que viesse nos buscar de táxi.

— Já imaginou esperar num frio desses com as crianças?

— Não se aflija tanto, há sempre a sala de espera!

— É, mas não é aquecida.

— A gente encontra um calefator... Não somos os únicos, não se incomode. Você fica na estação, perto do calefator, e eu telefono para o padre Fulano para que ele venha nos apanhar.

Com uma expressão preocupada os adultos entram na cabine. Um momento de silêncio entre as crianças e depois, com a voz excitada, a mais velha diz:

— Oh!! Nós vamos ver os soldados-barracas. Daí vai ser bom, e os cowboys e aí os índios! [no original, revela-se uma homofonia entre *salle d'attente* – sala de espera – e *soldant-tente* – soldados-barracas].

A menor encadeia, pronunciando mal as palavras:

— E aí eles tocam tambô e coneta!

— Mas como que eles podem atirar se eles têm zero braços [no francês, as crianças promoveram um deslize entre as palavras zero bras – zero braços – e *braser* – calefator]. Puxa, eu queria ver isso, é, sim, como que eles podem?

Riri se interroga, angustiado por fantasmas de corpos mutilados.

— A gente vai ver, consolam-se um ao outro.

Os pais sem ouvidos permanecem mudos diante dessas perguntas concernentes a significantes insólitos, sala de espera e calefadores, geradores fantasmáticos, contentando-se com um simples:

— *Mas querem calar a boca? (Dolto, 1981, pp. 12-13)*

Enfim, a cena continua, junto desses graciosos equívocos, mas achei interessante esse escrito não apenas pelo seu conteúdo, mas também para demonstrar como uma cena do cotidiano pode fazer parte de uma contribuição teórica tão importante. Também não por acaso, está presente na teoria as vivências mais precoces de Dolto, antes de ela saber o que era psicanálise. Sua infância é narrada sempre com grande importância, tanto por Dolto como por seus biógrafos, a qual ela narra e privilegia com a mesma devida importância que suas vivências na vida adulta. Para que possamos entender, vou contar alguns recortes importantes da sua vida:

Sua personalidade é marcada por detalhes interessantes, como o curioso quase clichê de ter sido uma “filha do meio”: ela é a quarta filha de um casal com sete filhos, de classe média alta e católicos praticantes. A história de vida de Dolto, principalmente os fatos que marcaram sua infância, nos convida a uma trajetória de pensar em como foi se formando essa psicanalista que militou ao longo de sua vida pela infância e por um lugar de sujeito para a criança. Um fato marcante, por exemplo, é narrado por ela. Diz que, desde o nascimento, era cuidada por uma babá irlandesa, com quem tinha forte ligação. Mas que, aos 8 meses, seus pais descobrem que essa jovem babá – apesar de dispensar bons cuidados para a pequena Françoise – a levava a lugares inapropriados para uma criança, como um bordel de luxo que ela frequentava, onde fazia uso de cocaína.

Abruptamente eles rompem com a babá, mas, possivelmente em consequência desse episódio, Dolto adoece, tem uma broncopneumonia dupla (aliás, quem se familiariza com ela logo se familiariza com o vocabulário médico que também está contido nas suas obras). Ela é então salva por sua mãe, que decide intuitivamente

mantê-la colada ao seu corpo por 24 horas, o que resulta em uma melhora do quadro. A partir desse recorte da sua infância, é quase impossível não pensarmos na relação entre seu empenho e desejo de ajudar crianças que passam por rupturas de laços tão precocemente e sua própria história. Nesse mesmo episódio podemos encontrar ao menos dois aspectos da sua clínica: a intuição, sempre tão presente, e o reconhecimento do lugar de sujeito que o bebê ocupa (Dolto, 1990).

Ela era esse sujeito e se descreve como uma criança que esteve sempre bastante atenta ao mundo dos adultos e a si mesma. Não por acaso, aos 8 anos, forjou para si a profissão de seus sonhos: se tornar médica da educação. Essa pessoa ávida por transmitir conhecimento que ela se tornou tem sua raiz na criança ávida por obter respostas. Segundo Dolto, suas babás pouco sabiam lidar com sua enorme curiosidade e respondiam muito pouco a suas inquietações. Ela cresce. Desenvolve sintomas, começa a psicanálise. E, então, contrariando o desejo de seus pais, mas o com apoio de seu psicanalista, ela se forma médica.

Durante esse percurso ela trabalhou na Maison Blanc, um hospital psiquiátrico para adultos, o qual ela diz ter sido fundamental para que decidisse se voltar ao trabalho com crianças, campo que ela acreditava ter muito maiores possibilidades de cura. Ela chega a dizer que “Não se pode fazer nada aos pacientes adultos a esse ponto. É com crianças, portanto, que se deve trabalhar” (Dolto, 1990). Faz também estágios em serviços de psiquiatria para crianças nos quais ela relata ter aprendido “o que não se deve fazer”. Um dos seus importantes feitos e que mais a aproxima do seu sonho de médica da educação foi a invenção das Maison Vertes, espaços de educação vanguardista para crianças pequenas.

Ela foi um sujeito com aspectos complexos que a tornaram também heterodoxa como mulher e psicanalista e que contribuíram

demasiadamente para seu legado. É uma médica, psicanalista, ao mesmo tempo secular e católica (dentro de um campo majoritariamente ateu) e, ainda assim, marcada principalmente por uma ética não moralista. Ela e suas contribuições são atravessadas por todas essas características que, contrariando o óbvio, coexistem e tornam todo o contexto ainda mais interessante. Sua forma direta de responder aos ouvintes na rádio não parece se diferenciar da forma com que diretamente falava com os pais ou seus pacientes sobre suas questões, sempre os responsabilizando de alguma forma por suas escolhas e desejos. Aliás, ela chega a dizer a máxima de que o sujeito é responsável por sua vida, pois escolhe nascer e sobreviver a ela.

Ela é provocadora e honesta sobre sua fé no sujeito, no catolicismo e na psicanálise da mesma forma que é tão honesta nos seus relatos clínicos, marcados por ousadia e criatividade. Por tudo isso e muito mais, continua arrebatando inspirações contemporâneas, tanto de leigos, a partir de livros *best-sellers* americanos inspirados de alguma forma em sua obra, como *Crianças francesas não fazem manha*, como de profissionais acadêmicos encantados por seu legado.

Referências

- Dolto, F. (1981). *No jogo do desejo*. São Paulo: Ática.
- Dolto, F. (1990). *Auto-retrato de uma psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Druckerman, P. (2013). *Crianças francesas não fazem manha*. São Paulo: Companhia das Letras.



Ouvir as crianças, saber o que dizem quando brincam, quando cantam, quando sonham, quando gritam, quando calam. Eis o imperativo ético que propõe Françoise Dolto, num apelo que continua a reverberar com o passar das décadas e continua a ser ignorado por gente demais. Há uma radicalidade nessa proposta que não se percebe à primeira vista. Conceber a criança como sujeito pensante, como sujeito lúcido a ser ouvido com atenção máxima, é um ato capaz de produzir grande transformação tanto no cotidiano quanto no pensamento.

Neste livro vemos, com ampla riqueza de perspectivas, o impacto superlativo que essa ideia pode ter em vários campos do conhecimento. Em suas páginas, ouvimos Dolto à luz da psicanálise, da medicina, da cultura em seus vários caminhos. E a partir de seus autores, e de Dolto, talvez nos aproximemos um pouco mais de cumprir o grande desafio de ouvir enfim as crianças e acolhê-las.

Julian Fuks

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-374-5



9 786555 063745



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Françoise Dolto

Cultura, psicossomática e clínica

Luciana Pires (Org.)

ISBN: 9786555063745

Páginas: 222

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
